



**Mulheres Mamasani: mudanças na
divisão do trabalho entre um povo
pastoril sedentarizado do Irã**

Soheila Shasahahani
Shahid Beheshti University, Irã

Resumo

Este artigo descreve as mudanças ocorridas na divisão sexual do trabalho entre os mamasani do Irã desde a ascensão do Xá ao trono. Estas mudanças, observadas entre este grupo pastoral sedentário resultaram em alterações significativas no status das mulheres. Elas perderam a autonomia e foram barradas de participar em várias atividades produtivas, bem como perderam antigas garantias de segurança física em situações de guerra ou pilhagem.

Palavras-chaves

Divisão sexual do trabalho, mulheres, Irã.

Abstract

This article describes the changes that have occurred in the sexual division of labor among the Mamasani of Iran since the Sha's rise to power. The changes observed among this sedentary pastoral group have resulted in a significant alteration of the status of women. They have lost their autonomy and participation in various productive activities, and their physical welfare is no longer guaranteed in situations of war or pillage.

Keywords

Sexual division of labor, women, Iran.

Mulheres mamasani: mudanças na divisão do trabalho entre um povo pastoril sedentarizado do Irã

Soheila Shahshahani

A pessoa que trabalhou encontrou sua essência.
Provérbio Mamasani

Entre povos nos quais as mulheres têm de trabalhar mais pesado do que nós consideraríamos apropriado, há aí, muitas vezes, muito mais respeito por elas do que entre os europeus. A dama da civilização, envolvida pela falsa deferência e alienada do trabalho total real, tem uma posição social infinitamente mais baixa do que a mulher trabalhadora do barbarismo, que era vista entre seu povo como uma verdadeira dama e que, além disso, era de fato uma dama.
Friedrich Engels

As mudanças no status de mulheres entre os Mamasani, no passa do um povo pastoril nômade, do sudeste do Irã, são paralelas àquelas que geralmente se têm verificado no colonialismo. Como assinalou Leacock (1979: 189): “uma das mudanças mais consistentes e amplamente documentadas trazidas pelo período colonial foi um declínio do status da mulher em relação ao do homem”. Em parte, as causas foram indiretas, já que “a introdução do trabalho remunerado para os homens e o comércio de mercadorias básicas aceleraram o avanço dos processos, pelos quais coletivos tribais foram fragmentados em unidades familiares individuais, e nos quais mulheres e crianças se tornaram economicamente dependentes de um só homem. De outra parte, as mudanças foram diretamente causadas, “auxiliadas pela alocação formal para os homens de toda e qualquer autoridade pública e do direito legal de propriedade permitido em situações coloniais”.

Tal percepção por parte de antropólogos e cientistas sociais que têm trabalhado no Oriente Médio tem sido obscurecida por perspectivas que fundamentalmente racionalizam e justificam as políticas dos EUA na área (Shaar 1979). “Tradição” é vista como o maior problema enfrentado pelas mulheres. Beck e Keddie (1978: 18) escrevem que:

aquilo que falta à maioria das mulheres do Oriente Médio, quando comparadas a compatriotas mais prósperas e melhor educadas, ou com mulheres do ocidente de muitas classes sociais, é a liberdade de escolha considerando as decisões básicas da vida.

Entretanto, os autores não vêem solução em termos políticos ou econômicos, mas em termos de quebra com a tradição:

Para quebrar com uma tradição como essa, de tal modo que a maioria das mulheres, crianças e também os homens venham a tornar-se mais livres do que são hoje, é preciso buscar programas que permitam uma participação ativa e voluntária por parte daqueles que hoje são ligados à tradição. Isto não somente poderia modificar o sistema de valores vigente, como em muitas áreas é um pré-requisito para a melhoria material e o aumento de renda (Ibid: 14).

Em outro trabalho (Shashahani 1981) eu critiquei esta posição. Neste artigo, eu documento a maneira pela qual as mudanças na divisão do trabalho "tradicional" em um povo tribal do Irã, os Mamasani, incrementaram a dependência das mulheres em relação ao homem, e reduziram o seu espaço independente de tomada de decisões.

Os Mamasani

A região em que vivem os Mamasani localiza-se no extremo sul das Montanhas Zagros. Ela abrange 8032 quilômetros quadrados, e em 1972 havia uma população de mais ou menos noventa mil habitantes. Esta população era aproximadamente 5,5% urbana, 11% transumante e o restante rural.

Eu conduzi a minha pesquisa entre 1977 e 1978 na aldeia de Oyun, no subdistrito de Bakes. Em 1972, havia 684 aldeias na região Mamasani. A sua única cidade, Nurâbâd, foi estabelecida em Bakes em 1962, aglutinando 25 aldeias. Oyun, no plano de Nurâbâd, tinha 120 hectares de terras para agricultura e quatro pomares. Ervas eram coletadas diariamente nos campos. Havia ali dois rebanhos de setenta carneiros e umas poucas ovelhas. Cerca de metade da população possuía vacas, quase estritamente para uso doméstico. Três anos antes do meu trabalho de campo, uma cooperativa de agricultura foi fundada na área, e as terras próprias para agricultura de Oyun passaram a fazer parte da cooperativa. Havia ali em torno de quarenta famílias na aldeia, e a população total era de aproximadamente 246 habitantes.

A discussão a seguir, que se debruça sobre as atividades econômicas e a divisão sexual do trabalho entre os Mamasani de classes

baixas, é uma reconstrução do tempo em que os aldeões eram parte de uma sociedade nômade, de camponeses e pastores. A caça era uma atividade de elite; a coleta era praticada diariamente; a pilhagem era a fonte de renda, e o pastoreio e a agricultura eram as duas formas básicas de produção. A sociedade não era auto-suficiente; por esta razão, eu considero as trocas da mesma forma que a reprodução e o processamento de alimentos e outras mercadorias.

Na minha discussão, eu enfatizarei o cruzamento de fronteiras sexuais.¹ O meu pressuposto é o de que, quando homens e mulheres participam da mesma tarefa, ou uns ou outros têm menos chance de se alienar da atividade e assim ser explorado pela sua ignorância e falta de acesso a recursos. O trabalho específico não é mistificado, como o é nas relações em que ou o produtor é subjugado ou o produtor se apropria exclusivamente do produto do trabalho.

O trabalho e o seu significado

Uma pessoa ociosa, homem ou mulher, de classe baixa ou alta, não é bem vista entre os Mamasani. Porém, apenas trabalhar não é algo de altamente valorizado, a não ser que esteja acompanhado de *zerangi*, termo que denota uma qualidade de esperto, rápido, habilidoso, astuto, sagaz. Uma pessoa que também possui *mardom dari* pode tornar-se realmente bem-sucedida. *Mardom dari* é um comportamento que conquista o apoio, a confiança e a boa vontade das pessoas, embora para a pessoa de classe baixa o termo traduzido como "hospitaleiro" seria mais comumente usado.

Algumas das mulheres com quem eu trabalhei mais de perto eram *bibis*, isto é, descendentes de um *khân*² e, conseqüentemente, da classe mais alta na sociedade tribal. O trabalho delas consistia na organização e administração de suas casas, embora a sua imagem fosse a de pessoas ricas, que não trabalhavam, no sentido de não se empenharem nos afazeres domésticos do cotidiano. Uma *bibi* que realiza trabalhos domésticos é considerada avarenta, porque isto sugere que ela não quer pagar uma pessoa para fazer estes trabalhos. O *zerangi* de diferentes mulheres de classe alta torna-se claro quando se compara duas com experiência semelhante e que têm diferentes status econômico. Se uma *bibi* não tinha nem *zerangi*, nem *mardom dari*, então sua casa era praticamente uma ruína. Uma outra, *zerang*, ainda que tivesse começado em igual nível, trabalhando muito, era apenas moderadamente bem-sucedida, posto que não era *mardom dari*.

Uma mulher de classe baixa *zerang* trabalha duro, de forma rápida e astuta. Ela participa de um grande conjunto de atividades produtivas e não se torna escrava; em vez disto, ela se torna indispensável. A sua posição é muito diferente daquela descrita por Bossen para sociedades “modernizantes”, onde as mulheres podem ser ociosas, pobres e impotentes a tal ponto que a sua função produtiva é desvalorizada ou não é levada em conta... Tipicamente, isto significa especialização no serviço doméstico, incluindo-se aí o cuidado e a educação das crianças e outros tipos de serviços. É em virtude dessa especialização que as mulheres se tornaram mais facilmente exploradas como força de trabalho excedente. Se há excesso de oferta de trabalho feminino em relação às necessidades da sociedade, então o status de todas as mulheres será rebaixado (Shahshabani 1975: 591).

Atividades econômicas

Agricultura

Homens e mulheres de classes baixas participavam do cultivo da terra, sendo que famílias sem-terra faziam a maior parte do trabalho. O *khân* ia até ao campo para supervisionar; a *bibi* ia ocasionalmente. Do mesmo modo, o chefe da aldeia ia freqüentemente aos campos, ao passo que a sua mulher o fazia com menos freqüência. Os homens eram os responsáveis pelo trabalho mais pesado na agricultura, arando, cavando e irrigando os campos. As mulheres faziam o trabalho mais leve, como semeadura, capina e colheita em geral, inclusive de frutas. A partir da primavera e durante o outono, homens e mulheres iam ao campo quase todos os dias. Os produtos cultivados que eles aumentaram foram o trigo, cevada, arroz, algodão, uma variedade de gergelim e ópio, assim como legumes. As frutas cultivadas eram principalmente as cítricas.

Pastoreio e atividade leiteira

Os agricultores mais prósperos possuíam rebanhos de cabras e ovelhas. Tal não era o caso das famílias sem-terra, mas os seus membros podiam trabalhar como pastores para as classes mais prósperas. Cada família, exceto os pastores e agricultores assalariados, possuía de duas a sete vacas. Os rebanhos eram conduzidos diariamente para a pastagem nos arredores do povoado. Homens e mulheres de todas as idades, exceto jovens mulheres com filhos, podiam realizar essa tarefa, embora ela ficasse mais freqüentemente a cargo dos homens. Quando os moradores de Oyun moviam os seus rebanhos, as quatro famílias mais ricas iam para Dâst Arjan, numa viagem de dois dias. Outras

famílias iam somente dez quilômetros adiante, para além das montanhas, a oeste da aldeia.

Durante a primavera e o verão, as mulheres se ocupavam diariamente da atividade leiteira. Todos os dias, entre 4 e 6 da manhã, do meio-dia até à uma da tarde e das 6 às 7 da noite, elas ordenhavam as vacas, cabras e ovelhas, e ferviam o leite para fazer iogurte. Com este iogurte, elas faziam manteiga, queijo, creme e outros produtos. Os homens não participavam destas atividades.

Fiação, tecelagem e curtume

As mulheres fiavam o pelo de cabra, lã de ovelha e algodão. Do fio, elas teciam tendas, sacos de farinha, tecidos sobre os quais preparavam o pão, roupas de cama e tapetes. Eram também as mulheres que faziam quase toda a roupa. Além disto, elas curtiavam o couro de cabras e ovelhas para fazer recipientes para transportar água e para bater manteiga. Havia alguma especialização nessas tarefas. Não eram todas as mulheres que sabiam o que fazer em todos processos envolvidos.

Caça e coleta

Caçar cabras selvagens e perdizes, comuns na área, era uma ocupação masculina. Mas isto só era feito durante o outono, e só por aqueles homens que não estavam ocupados, e que tinham armas, isto é, os *khâns* e os homens ricos da aldeia.

A coleta consistia em trazer lenha, capim para o gado e vegetais para a alimentação diária. Os homens traziam toras pesadas e as mulheres ramos e galhos leves dos bosques nos arredores. Mulheres e meninas coletavam ervas usadas diariamente na cozinha. Qualquer membro da família que estivesse disponível – meninos ou meninas, homens ou mulheres – coletava forragem para as vacas, embora os homens fizessem muito pouco dessa tarefa. Os frutos do carvalho eram usados antes do trigo, tornando-se a base da alimentação, e eles ainda eram coletados nos anos de penúria. Qualquer um podia procurá-los, mas este trabalho era usualmente feito por rapazes adolescentes.

Buscar água pela manhã era uma tarefa feminina. Os homens nunca participavam disto, já que as mulheres muitas vezes ficavam na fonte por algum tempo para lavar roupa e conversar.

Guerra e pilhagem

“Para garantir a subsistência futura de uma filha, não se pode dá-la a um homem que não tivesse uma boa experiência”, informou-

me um ancião de classe alta. “Exatamente como hoje as pessoas têm recomendações e diplomas, tempos atrás as pessoas poderiam ser interrogadas sobre as pilhagens de que participaram”. Muitas regras eram observadas para a pilhagem, de acordo com a área ou as pessoas que poderiam participar e receber a porcentagem fornecida pelo khân. Um comportamento especial era observado nessa armação e um enfeite especial era usado nessa ocasião.

A técnica da guerra era majoritariamente um empreendimento de classe alta. De acordo com Bonte (1977: 42-3) “As sociedades de pastores nômades são freqüentemente sociedades no seio das quais as atividades guerreiras têm um papel importante (...). A utilização e, freqüentemente, a posse de animais de guerra são muitas vezes reservadas a uma aristocracia e constituem um aspecto importante do seu poder”. Havia uma distinção entre pilhagem e roubo. Uma pilhagem era um empreendimento de um grupo, coisa que requeria decisão e cooperação de todo o grupo. Os objetos pilhados – armas e acessórios, objetos trançados, utensílios, metais e rebanhos – eram divididos entre os participantes para que os utilizassem ou vendessem mais tarde, cabendo ao *khân* uma porcentagem. Um roubo, pelo contrário, envolvia um ou alguns indivíduos que se apropriavam de uma cabra, abatiam-na e comiam-na imediatamente. “Eu jurei solenemente a Hazrat Abolfaze que eu nunca roubaria”, contou-me um pobre homem de Oyun.

Em conexão com o ataque, as mulheres podiam informar os homens sobre os objetos que outros possuíam e qual era a sua localização, em troca de uma porcentagem do que fosse obtido. Se essa porcentagem devida não era paga de acordo com o total prometido, uma mulher poderia discretamente informar o possuidor original, e receber dele uma retribuição.

As regras da guerra incluíam respeito pelas mulheres: “Se há alguma mulher na caravana que alguém está indo pilhar, o mesmo é obrigado a cessar o empreendimento em respeito a ela”, afirmava um *khân*. “Se alguém fez uma pilhagem numa tribo ou numa aldeia e uma mulher vier a reclamar as suas posses, tudo que ela reivindicar deve ser-lhe devolvido.” Mulheres jamais eram violadas após uma batalha vitoriosa, nem eram tomadas como tributo. O único período na recente história Mamasani em que as mulheres se sentiram ameaçadas pelos seus oponentes foi em 1836, quando elas foram atacadas pelas forças governamentais (Fasá’i 1972: 244).

Geralmente, as mulheres não participavam nas ofensivas de guerra. Mas corria a palavra de que a última guerra intertribal importante, que colheu onze vidas, fora causada por uma mulher. Conforme um jovem khân relatou, “Eu lembro que as mulheres eram mandadas para determinadas expedições de guerra, especialmente contra forças governamentais. Este era um artifício para encorajar os homens da tribo a atacar o inimigo.” Além disto, numa tribo vizinha, os Kohgiluyeh, foi registrada a participação das mulheres na guerra. As mulheres participavam ativamente nas guerras defensivas, em viagens a cavalo, e a prática do tiro não lhes era desconhecida. Elas também preparavam comida para o homem, e através do seu *kel zedan* (altos gritos usados às vezes para excitação) incitavam e encorajavam os homens para a ação.

Uma vez que as mulheres não eram baleadas ou espancadas, elas iam ao campo de batalha para procurar os seus feridos ou mortos e trazê-los de volta para o tratamento dos seus ferimentos, ou para o sepultamento. É, portanto evidente que, não sendo embora a guerra uma tarefa masculina, não era totalmente alheia às mulheres, as quais também conheciam a sua realidade.

Troca

Entre os Mamasani, as mulheres não estavam envolvidas apenas, e de forma importante, na produção econômica; elas também participavam da troca e distribuição dos seus produtos, ou do fornecimento destes produtos à sua comunidade – para venda na cidade – em troca de outros que a família necessitava. No verão, o homem pegava uma quantidade extra de lã ou algodão, tendas, roupas de cama ou carpetes para vender numa cidade próxima, e usava o dinheiro para comprar material para roupas, calçados, utensílios, chá ou açúcar. As mulheres compravam diretamente essas mercadorias, tão boas quanto jóias baratas e ervas medicinais dos mascates (*pilevar*). Mulheres raramente iam à cidade, e os mascates eram bem recebidos, embora estes vendessem as suas mercadorias a preços muito mais altos do que os lojistas da cidade.

As mulheres também se envolviam nas interações econômicas dentro da aldeia em relação a mercadorias de uso diário, tais como trigo, objetos trançados, cabras, vacas, leite e vegetais. Observei duas mulheres que barganhavam o preço de um tapete. Trocas de leite, vegetais, utensílios e coisas deste gênero entre vizinhos e parentes próximos eram objeto de cálculo exato, mesmo quando dados como presentes. Não aconteciam trocas em larga escala sem o conhecimento de ambos os cônjuges.

As trocas entre mulheres de classes baixas e a *bibi* (ou entre os seus maridos e o *khân*) eram conduzidas na forma de troca de presentes. A *galleh begir* (uma taxa para o uso das pastagens do *khân*) era dada ao *khân* no Ano Novo na forma de um presente, que poderia ser um cordeiro, cabrito ou manteiga clarificada. Em tempos de dificuldade, certos “presentes” eram dados pelo *khân* a pessoas necessitadas na forma de outras mercadorias para uso, ou de dispensa da taxa de pastagem. Em momentos como estes, as mulheres poderiam talvez rezar em casa para que o *khân* fosse generoso, enquanto os homens negociavam diretamente com o enviado do *khân* nos campos. Em casos de extrema dificuldade, porém, as mulheres suplicavam diretamente ao *khân* ou ao seu enviado. Tanto mulheres quanto homens poderiam ainda ir ter com a *bibi* a pedir auxílio econômico.

Cura

As mulheres eram as curandeiras entre os Mamasani. Num estágio inicial da minha pesquisa, quando eu preparava um léxico e perguntava por nomes de plantas, fui aconselhada a consultar as mulheres. O conhecimento das ervas era a sua especialidade. O limite entre alimento e medicina não era claro, pois várias ervas que eram usadas na alimentação diária tinham propriedades medicinais, como a *malva silvestris* (conhecida localmente como *tula*). Na temporada, esta erva medicinal era usada diariamente para temperar arroz. Duas mulheres na aldeia eram as mais conhecidas curandeiras, habilidosas em parto e na fixação das articulações, assim como na medicação com ervas. De qualquer modo, a média das mulheres conhecia em torno de quarenta plantas que elas administravam aos seus filhos e a outros indivíduos doentes. A medicação incluía curativos, tônicos para bebês recém-nascidos e o uso de plantas específicas para desordens corporais, como inflamações nos olhos, dores no estômago e resfriados. As ervas eram também coletadas ou obtidas de mascates ou vendedores de temperos numa cidade vizinha.

Reprodução

De acordo com um provérbio local, “O filho de uma pessoa não poderá ser filho de outra”. Noutras palavras, não espere que o filho de outrem lhe faça aquilo que você esperaria que o seu próprio filho fizesse. Um outro provérbio reza, acerca das crianças, que “Uma centena não é demais e um não é muito pouco”. Na cultura Mamasani tradicional, as crianças eram altamente valorizadas. Quanto maior o seu número, mais “main d’oeuvre” a pessoa tinha e mais relações familiares, a pessoa poderia esperar ter no futuro. Não é surpreendente

que as classes mais altas tivessem o maior número, especialmente os *khâns* com mais de uma esposa.

Não é o caso, porém, que a reprodução ocupe uma grande parte do tempo das mulheres, como Raphael sugeriu (1975: 1). Não era “reprodução” como tal, mas a produção de valores de uso, que consumia o tempo das mulheres.

Produção para uso

A produção de objetos para uso dos membros da família, a lavagem, a limpeza, a cozinha e a arrumação eram atividades que ocupavam as mulheres por muitas horas. O pão, que era assado várias vezes na semana, tomava no mínimo duas horas de cada vez. O simples cozinhar uma vez ao dia tomava em torno de uma hora de preparação. A lavagem de pratos e roupas, que era feita uma ou duas vezes ao dia, tomava no mínimo meia hora de cada vez. A varrição da casa e do pátio tomava outra meia hora, e finalmente havia a colocação de utensílios, roupas e outros itens da casa em ordem. Quanto menores as posses, menor o tempo despendido no seu cuidado. Por outro lado, quanto mais alta a classe social e maior a propriedade, maior a possibilidade de ter empregados.

Além destas atividades diárias, havia as atividades sazonais ou ocasionais. A preparação do couro das cabras para a obtenção e o armazenamento de água era um processo com duração de um mês, no qual muitas mulheres trabalhavam juntas. Esta tarefa e a fabricação da manteiga eram atividades do final do inverno. Todos os utensílios da casa e as roupas de cama eram lavados antes do Ano Novo. No início da primavera, pétalas de rosas eram coletadas e desidratadas, para serem colocadas junto com penas nos travesseiros. No final do verão, sementes de romã para cozinhar eram secas no telhado. No outono eram feitos e estocados sucos de limão e laranja azeda. Roupas novas para os membros da família eram feitas na maioria das vezes antes do Ano Novo. Também havia a costura de diferentes tipos de roupas de cama. Finalmente, havia a preparação de grande quantidade de alimentos para as ³promessas, que usualmente eram feitas durante o mês de Moharram .

O grau de participação dos homens nessas atividades é uma questão crucial. Como atividades “não produtivas”, tais tarefas eram usualmente menos valorizadas do que as atividades “produtivas”. Apesar de consumirem muito tempo e serem essenciais, não eram altamente consideradas. Ademais, eram atividades repetitivas; uma

vez atingido um certo grau de destreza na sua execução, não se esperava um nível de excelência superior a este.

Embora os homens Mamasani fossem capazes de cozinhar e lavar, não era frequente que se empenhassem nestas tarefas. Tal ocorria somente quando os seus serviços eram necessários para uma ocasião social, ou quando havia uma emergência na sua casa. O cruzamento de fronteiras sexuais acontecia, mas não como um fenómeno comum; as tarefas domésticas cotidianas eram todas femininas. O mesmo vale para a *bibi*: ela sabia bem o que fazer em tais tarefas, mas a sua função era supervisionar os outros que as executavam. O *khân* estava ainda mais afastado de tais atividades.

Um ponto importante a ser destacado aqui é que esta modernização entre os Mamasani conduziu a um aumento das atividades domésticas e da produção de valores de uso pelas mulheres, e ainda a uma diminuição das suas atividades produtivas pagas ou de troca.

Desenvolvimento entre os Mamasani

Os efeitos da modernização sobre os pastores nômades Mamasani invadiu todos os domínios da vida. Dentre as principais mudanças ocorridas estão:

- (1) medidas políticas que solaparam o sistema de chefia e estabeleceram um departamento administrativo governamental, uma *gendarmérie*⁴ e um departamento de justiça;⁵
- (2) medidas econômicas que solaparam o sistema de agricultura e pastoreio tradicional, sem um programa nacional que efetivamente o substituísse;
- (3) os efeitos disto sobre as relações de classe e de parentesco, e a respectiva perda de significado na participação em eventos sociais;
- (4) o efeito ideológico da escolarização, do rádio e dos contactos urbanos, desvalorizando o modo de vida tribal e camponês e glorificando a vida urbana e as ideologias "civilizadas".

Algumas palavras são necessárias sobre as reformas econômicas. Os principais propósitos da reforma agrária e da nacionalização das pastagens introduzidas no Irã em 1962 eram livrar-se das chefias locais que eram ameaças para o Xá; introduzir cooperativas agrícolas e mais tarde empresas agrícolas, as quais poderiam pôr o governo e os investidores externos no controle da agricultura, criando a necessida-

de de importar alimentos; destruir a possibilidade da eclosão de uma revolta popular rural contra o regime; abrir as áreas rurais como mercados para mercadorias de consumo; conduzir a população rural para os centros urbanos e criar um proletariado urbano.

No que diz respeito ao último propósito é intrigante que nenhuma dentre as sete maiores famílias proprietárias de terras da aldeia tenha saído, enquanto quase todos os homens em idades entre vinte e quarenta anos, em trinta e três famílias de pequenos proprietários ou sem terra, abandonaram a aldeia para trabalhar. É digno de nota que eles começaram a trabalhar em outros lugares em 1975, um ano após o estabelecimento da cooperativa agrícola.

O efeito das mudanças econômicas sobre as mulheres pode ser exemplificado levando-se em consideração três grupos de idade. Primeiro: há onze jovens mulheres de treze a dezoito anos de idade na aldeia que trabalham em propriedades rurais. Elas trabalham oito horas por dia por aproximadamente cinquenta dias no ano, na lavoura de beterraba e algodão, ou colhendo frutas como romãs e laranjas. Elas são pagas como diaristas. Nenhuma dessas meninas frequentou a escola. Garotas educadas, se não estivessem ainda na escola, poderiam considerar tal trabalho inferior para a sua dignidade. Segundo: há nove mulheres com mais de quarenta anos de idade que trabalham na sua própria terra entre oito e oitenta dias ao ano. Elas reclamam de não ser bem pagas pelo dirigente da unidade agrícola à qual, como pequenas proprietárias, pertenciam.

Estes dois grupos, o mais velho e o mais jovem, participam ativamente na produção econômica, e ambos estão destinados a desaparecer. As mulheres jovens irão casar-se e deixarão a aldeia (quatro o fizeram antes da minha partida da aldeia) ou se tornarão donas de casa, dedicadas sobretudo à produção de valores de uso. As moças mais jovens tornar-se-ão mais instruídas, e assim não se dedicarão à agricultura quando se tornarem mais velhas. As mulheres mais velhas, a segunda categoria, logo serão também muito velhas para o trabalho e não serão substituídas.

A terceira categoria de mulheres, predominante, é a das mães com filhos pequenos. Cerca de metade dessas mulheres têm uma ou duas vacas. Elas fazem o trabalho de produção leiteira da família, onde elas ou um filho seus conduzem as vacas ao pasto todos os dias. Elas ordenham e produzem iogurte diariamente; por vezes produzem manteiga clarificada. Crianças com dez a quinze anos de idade freqüentemente as ajudam, cortando pastagem para a alimentação das vacas, e as filhas coletam ervas do mato, na temporada, para o

uso diário na cozinha. No outono, essas mulheres colhem frutas dos pomares compartilhados, ou para um grande proprietário de terras.

Os dados observados indicam um decréscimo marcante no envolvimento das mulheres na produção. Em parte, isto se deve ao decréscimo do rebanho (há somente dois rebanhos na aldeia e somente um é transumante), e em parte também porque muitos homens não trabalham mais na aldeia. As mulheres poderiam ajudar os seus maridos no campo, mas não ajudam quando as terras não são mais consideradas deles. A mulher mais velha que ainda trabalha na lavoura fá-lo juntamente com o homem mais velho que ainda está na aldeia.

As atividades remuneradas das mulheres tornaram-se insignificantes. Somente duas mulheres, uma perto dos quarenta e outra mais velha, ganham dinheiro desenvolvendo a atividade de produção leiteira, principalmente com a venda de manteiga. Duas mulheres ainda costuram baldes de couro. A costura tornou-se uma atividade especializada, que depende da posse de uma máquina de costura; uma costureira ganha apenas cerca de um/sessenta avos da renda anual familiar de classe baixa. A costura de roupas suntuosas, especialmente para eventos sociais importantes, tornou-se a maior preocupação das mulheres na produção de valores de uso. A *bibi*, em particular, gasta muitas horas e muito dinheiro costurando roupas regionais, e as mulheres de classe baixa fazem o melhor que podem para imitar a última moda. Saias requerem entre doze e vinte jardas de tecido, e nas ocasiões especiais não menos de quatro peças são usadas.

Conclusões

Os Mamasani, portanto, não são uma exceção àquela afirmação de Boserup segundo a qual "o desenvolvimento econômico e social inevitavelmente leva à desintegração da divisão do trabalho entre os dois sexos tradicionalmente estabelecida na aldeia" (Boserup 1970:5). A modernização da agricultura e a migração para as cidades significa que "um novo padrão sexual de trabalho produtivo deve emergir, para melhor ou para pior. O perigo óbvio, porém, é que no curso dessa transição as mulheres poderão ser destituídas de suas funções produtivas e todo o processo de crescimento poderá, desse modo, ser retardado" As mulheres Mamasani perderam bastante como produtoras na sua economia doméstica. Anteriormente, a sua produção de mercadorias, especialmente laticínios e objetos trançados, trazia um ganho considerável. Agora, a sua produtividade na economia for-

mal é mínima, e as suas tarefas diárias tornaram-se aquelas de produção de valores de uso e de consumo. O primeiro grupo de homens que partiu para trabalhar retornou com dinheiro e produtos de consumo, tais como material para roupas, cortinas, cobertas e fitas gravadas, além de cigarros baratos e uísque, que são muito valorizados. Portanto, as suas mulheres aprovavam a sua migração; um homem que tivesse preferido ficar e trabalhar na terra partiria somente pela insistência da sua mulher.

Tal como a função reprodutiva das mulheres, as crianças transformaram-se numa responsabilidade econômica. A criação das crianças tornou-se muito mais cara do que no passado, e uma vez que as crianças agora vão à escola, elas não podem ajudar na produção. Um lema nacional nos anos 70 declarava: "Quanto menos crianças, melhor a sua vida". Entretanto, as mulheres de classe baixa não tinham as facilidades das famílias de classe alta para fazer um controle de natalidade efetivo, e elas não foram bem sucedidas nesse controle. Elas tinham mais filhos do que as mulheres de classe alta, o que enfraquecia economicamente as suas famílias. Na perspectiva das mulheres, portanto, a sua singular capacidade de reprodução tornou-se um problema, e elas mesmas olham para a sua capacidade como um incômodo. As mulheres diziam-me repetidamente: "Se você tem muitas crianças, não consegue mantê-las limpas, mandá-las à escola e ainda ter esperança de que elas tenham uma boa vida no futuro".

Finalmente, com a chegada da medicina moderna, as mulheres perderam o seu lugar como curandeiras. As mulheres já não usam a medicina tradicional, nem as crianças nascidas a partir de 1975 usam as misturas de ervas feitas para elas. Ao invés disto, as mulheres consideram o seu próprio conhecimento como obsoleto e não-civilizado. Ainda assim, o médico do centro de saúde ligado à cooperativa agrícola confidenciou-me: "Nós precisamos de quase tudo; nós não temos aspirina, água esterilizada ou remédio para olhos inflamados". Ademais, eu observei o médico e os seus assistentes a prescrever medicamentos sem examinar os pacientes, e a tratar as mulheres de maneira bastante degradante. A degradação estava, sobretudo nas observações constantes do médico de que as mulheres eram sujas e não mantinham as suas crianças limpas, apesar da "sujeira" não ser mais que poeira.

Para resumir, o desenvolvimento entre os Mamasani do Irã tem tido um efeito adverso para as mulheres – de maneira semelhante ao que se tem verificado noutras regiões do mundo em desenvolvimento. Como afirmou Tinker (1976: 22):

O desenvolvimento a partir do aumento da diferença entre a renda de homens e mulheres não tem ajudado na melhoria da vida das mulheres, mas, pelo contrário, tem tido um efeito adverso para elas.

Através de mudanças na divisão de trabalho entre os Mamasani, a contribuição econômica das mulheres tem sido reduzida, e a sua dependência do trabalho assalariado do homem aumentou. Novos estudos são necessários nos campos político, social e ideológico a fim de obter uma imagem mais completa dos modos pelos quais o desenvolvimento tem afetado o status das mulheres entre esses ou outros povos pastoris sedentarizados.

Notas

¹ Sex-line crossing, no original (ndt).

² Os homens da família do chefe são chamados *khân*, as mulheres são chamadas *bibi*.

³ *Moharram* é o primeiro mês do calendário lunar cujo começo foi a migração do profeta Maomé de Meca a Medina em 622 D.C. Durante os primeiros dez dias do mês de Moharram, os mulçumanos xiitas comemoram o martírio do Imam Hossein, morto no décimo dia deste mês. Desde o primeiro dia do mês são realizadas cerimônias a cada entardecer e, a medida que o décimo dia se aproxima, o lamento cresce a cada noite. A encenação do episódio, no mundo xiita, se realiza através do canto e da performance, tanto em áreas rurais quanto urbanas. Esta é a única forma regional de performance teatral que existia no Irã antes do teatro moderno. Seu ponto alto é ao meio-dia do décimo dia. São também ocasiões de cerimônias a noite deste dia e a quadragésima noite.

⁴ Palavra francesa que designa postos policiais (ndt).

⁵ Office of justice, no original (ndt)

⁶ 10,97 m (ndt).

⁷ 18,26 m (ndt).

Referências Bibliográficas

- AFSHAR, Haleh. 1980. "The Position of Women in an Iranian Village" IDS Seminar at Sussex.
- BECK, Lois e KEDDIE, N (org.). 1978. *Women in the Muslim World*. Harvard: Harvard University Press.
- BONTE, Pierre. 1977. "La Guerre dans les Societes d'Eleveurs Nomades". *Les Cahiers du Centre d'Etudes et de Recherches Marxistes*, n. 133.
- BOSSEM, L. 1975. "Women in Modernizing Societies". *American Ethnologist*.
- BOSERUP, Esther. 1970. *Women's Role in Economic Development*. New York: St. Martin's Press.
- LEACOCK, E. 1979. "Class, Comodity and the Status of Women". In Diamond, Stanley (org.). *Toward a Marxist Anthropology* The Hague: Mouton Publishers.

- PAKIZEGI, B. 1978. "Legal and Social Positions of Iranian Women". In: Beck, L. e Keddie, N. (org.). *Women in the Muslim World*. Harvard: Harvard University Press.
- RAPHAEL, D. (org.). 1975. *Being Female: Reproduction, Power and Change* The Hague: Mouton Publishers.
- SHAAR, Stuard. 1979 "Orientalism at the Service of Fascism". In: *Journal Race and Class*, Summer.
- SHAHSHAHANI, Soheila. 1980. *The Four Seasons of the Sun: An Ethnography of Women of Oyun, A Sedentarized Village of the Mamassani Pastoral Nomads of Iran*. Dissertation. New York : New School for Social Research.
- SWEET, Louise 1974 "In Reality, the Middle Eastern Woman" in Mathiasson, C.J. *Many Sisters: Women in Cross-Cultural Perspectives*. New York: Free Press.
- TINKER, I. 1976. *The Adverse Impact of Development on Women in Women and World Development*. New York: I. Tinker & M.B. Bransen & M. Buvinic, Praeger Publishers.